



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6791 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

### RELAÇÕES DE ADOLPHE FERRIÈRE COM REPRESENTANTES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (1927-1931)

Raquel Lopes Pires - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Apresentar as redes de sociabilidade do educador suíço Adolphe Ferrière (1879-1960) com representantes da educação brasileira, a partir de algumas de suas correspondências, é o objetivo desse trabalho. Para tanto, é relevante destacar que as oito missivas localizadas são as respostas enviadas por Ferrière. Dentre elas, duas foram publicadas em jornais de grande circulação no Distrito Federal, o *Jornal do Brasil* e o *Diário de Notícias*.

Conhecido nome nos estudos acerca do movimento Escola Nova europeu, Ferrière consagrou-se como um importante divulgador desse empreendimento que visava a reformulação do sistema educacional e a formação de um “novo” homem. Dentre seus mais destacados compromissos profissionais estão a colaboração na fundação do *Institut Jean-Jacques Rousseau* (IJJR), do *Bureau International d'Éducation Nouvelle* (BIE) e da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle* (LIEN). Também foi editor chefe e fundador da revista *Pour l'Ère Nouvelle*, órgão oficial de divulgação da Escola Nova europeia, do qual fazia parte, onde o educador publicou vários artigos. Ainda nesse trabalho de difusão, após ficar completamente surdo resolveu dedicar-se às articulações do movimento europeu escolanovista e assim empreendeu inúmeras viagens pelo mundo.

Estreitou laços, entre os anos de 1927 e 1931, pelo menos, com os educadores Laura Jacobina Lacombe e Lourenço Filho, com o então Ministro da Educação Francisco Campos e com o ex-diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal Carneiro Leão. De acordo com Sirinelli (2003), as relações estabelecidas entre esses sujeitos públicos, ao tecerem opiniões e debates em espaços considerados formais e informais, designam o uso do termo redes de sociabilidade, que podem ser percebidas através das semelhanças ideológicas e culturais dos componentes dessas redes a partir de afinidades ou rivalidades a que também estão expostos. O que torna possíveis as constantes permanências e mudanças características desse grupo.

Naquele momento, a troca de cartas se constituía como uma prática cultural que permitia aos seus interlocutores estarem em constante comunicação. Conforme Camargo (2011), essa ação pode ser assim pensada pelas impressões que são deixadas pelos sujeitos que se propõem a escrever. Já Gomes (2004), afirma que a troca de correspondência é um modo dos sujeitos que estão lendo/escrevendo revezarem seus papéis constantemente e, assim, estarem mais próximos. Essas trocas também podem ser aqui pensadas como meio de

viabilizar a passagem do educador pelo Brasil, a fim de dar legitimação para as reformas que estavam sendo realizadas em diversos estados. Nesse sentido, Mignot e Gondra (2007) vão afirmar que as viagens pedagógicas foram estratégias muito utilizadas como forma de circulação e apropriação de modelos e práticas educacionais. Gondra (2010), por sua vez, sinaliza que essas viagens funcionam como meio de indagação e de compreensão, como formas de constatar, testar, confrontar e elaborar diversos e diferentes conhecimentos.

Localizadas nos acervos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Organização Mundial de Educação Pré-Escolar (OMEP) e do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), essas missivas evidenciam as relações entre os sujeitos. Em geral falavam a respeito dos trabalhos realizados pelos educadores no sistema educacional brasileiro e das possíveis viabilizações que poderiam ser feitas.

Com Carneiro Leão tratou de anunciar que faria uma breve nota, na revista que editava, a respeito do trabalho empreendido na educação brasileira, solicitou ajuda na viabilização da tradução de um de seus livros para língua portuguesa e agradeceu a ida de Lacombe ao Congresso de Locarno (Suíça). Já na correspondência enviada a Laura Lacombe, pediu a ajuda da brasileira para viabilizar, financeiramente, sua passagem pelo país no ano de 1930 e comentou sobre a questão da educação religiosa. Na carta remetida à Lourenço Filho também tratou da possibilidade de viabilizar a tradução de seu livro para português, comentou da sua passagem pelo Brasil e do material que publicou na *Pour l'Ère Nouvelle*. Correspondeu-se com Francisco Campos tratando da possibilidade de retornar ao Brasil e demonstrando felicidade com o trabalho realizado na educação do país.

Vale destacar que as articulações tecidas por Ferrière tiveram seus resultados. No ano de 1929 o livro *A lei biogenética e a Escola Activa* foi traduzido para português, no Brasil, como volume IX da Biblioteca de Educação da Companhia Editora Melhoramentos, por Noemi Silveira e prefaciado por Lourenço Filho. De acordo com Rabelo e Vidal (2020), a escolha desse educador brasileiro para estar à frente do trabalho possivelmente se dê pela relação que ele mantinha com o movimento europeu, uma vez que era representante do BIE na época. Além disso, no ano de 1930, o suíço foi designado para estreitar laços com a América Latina. Assim, entre os meses de abril e outubro do referido ano passaria por sete países da América do Sul, sendo eles: Equador, Peru, Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai (PERES, 2005). O último país a ser visitado seria o Brasil, o que não aconteceu. De acordo com o relato feito pelo próprio educador, a notícia da eclosão da Revolução de 1930 chegou pelo rádio, quando anunciaram que o então presidente, Washington Luís, havia sido deposto (CARVALHO, 2007). Naquele momento Ferrière deveria continuar viagem e assim, após permanecer um dia ancorado no porto da cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, a bordo do navio *Asturias*, seguiu para Espanha e Portugal antes de retornar à Suíça.

Tanto a passagem de Adolphe Ferrière pelo Brasil, quanto as relações que estabeleceu podem ser consideradas uma importante estratégia do educador suíço e dos brasileiros para legitimar os trabalhos que estavam sendo realizados e que buscavam uma adaptação dos ideais difundidos na Europa. Além de dar maior visibilidade a esses empreendimentos educacionais, uma vez que Ferrière publicou na revista *Pour l'Ère Nouvelle* alguns comentários acerca dos trabalhos de Antonio Carneiro Leão e de Laura Jacobina Lacombe.

**Palavras-chave:** Correspondências. Viagens. Redes de Sociabilidade. Escola Nova.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. *Cartas e escrita*. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 2011.

- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolpho Ferrière. *In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (orgs). Viagens pedagógicas*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 277-293.
- GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. *In: GOMES, Angela de Castro (org). Escrita de si, escrita da história*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-26.
- GONDRA, José Gonçalves. Apresentação. *Revista Brasileira de História da Educação*. v. 10, n. 1, jan/abr. 2010. p. 13-16.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos. *In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. Viagens Pedagógicas*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 7-14.
- PERES, Eliane. A Escola Ativa na visão de Adolphe Ferrière: Elementos para compreender a Escola Nova no Brasil. *In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História e Memórias da Educação no Brasil*. v. 3. Rio de Janeiro: Editora vozes, 2005. p. 114-128.
- RABELO, Rafaela Silva; VIDAL, Diana Gonçalves. A seção brasileira da New Education Fellowship: (des)encontros e (des)conexões. *In: VIDAL, Diana Gonçalves; RABELO, Rafaela Silva. Movimento Internacional da Educação Nova*. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020. p. 25-48.
- SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In: RÉMOND, René. Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-270.